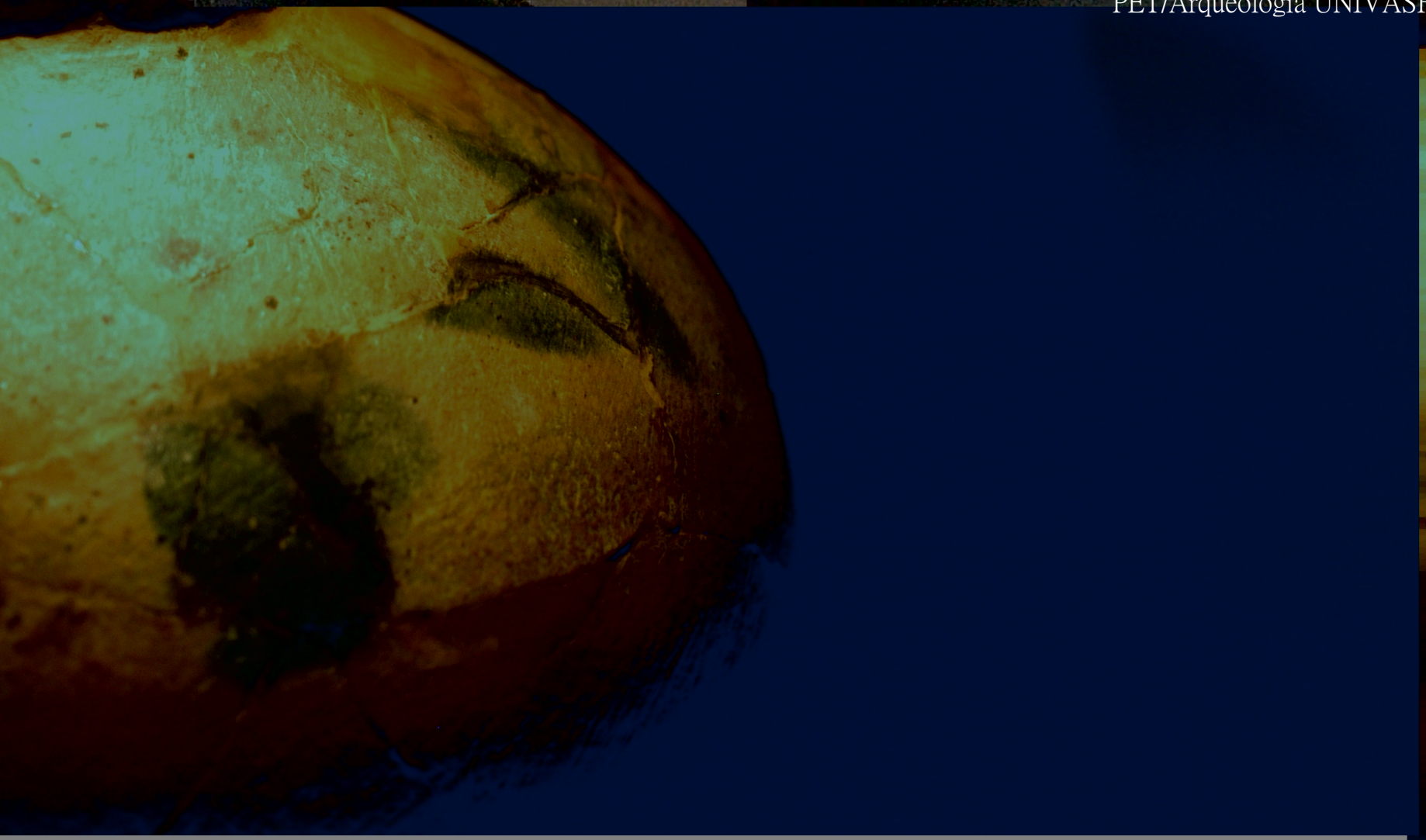
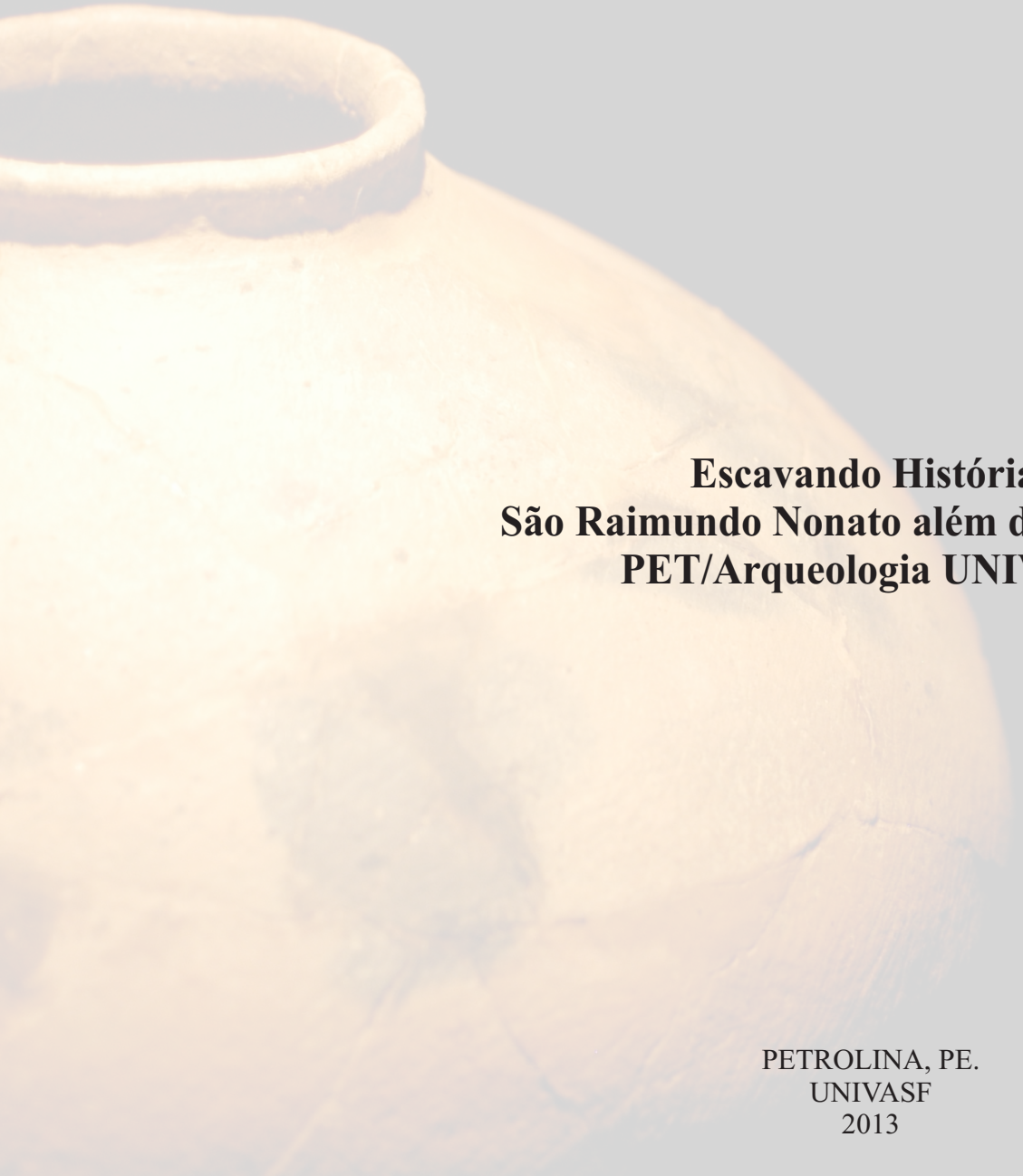
Escavando História

São Raimundo Nonato além dos cem anos

PET/Arqueologia UNIVASF



Celito Kestering et al(Org.)



Escavando História:
São Raimundo Nonato além dos cem anos
PET/Arqueologia UNIVASF

PETROLINA, PE.
UNIVASF
2013

Kestering, Celito

K42e Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos: PET/Arqueologia UNIVASF / organizado por Celito Kestering,... [et al]. – Petrolina, PE: UNIVASF, 2013.
17p. : il.

ISBN 978-85-60382-25-5

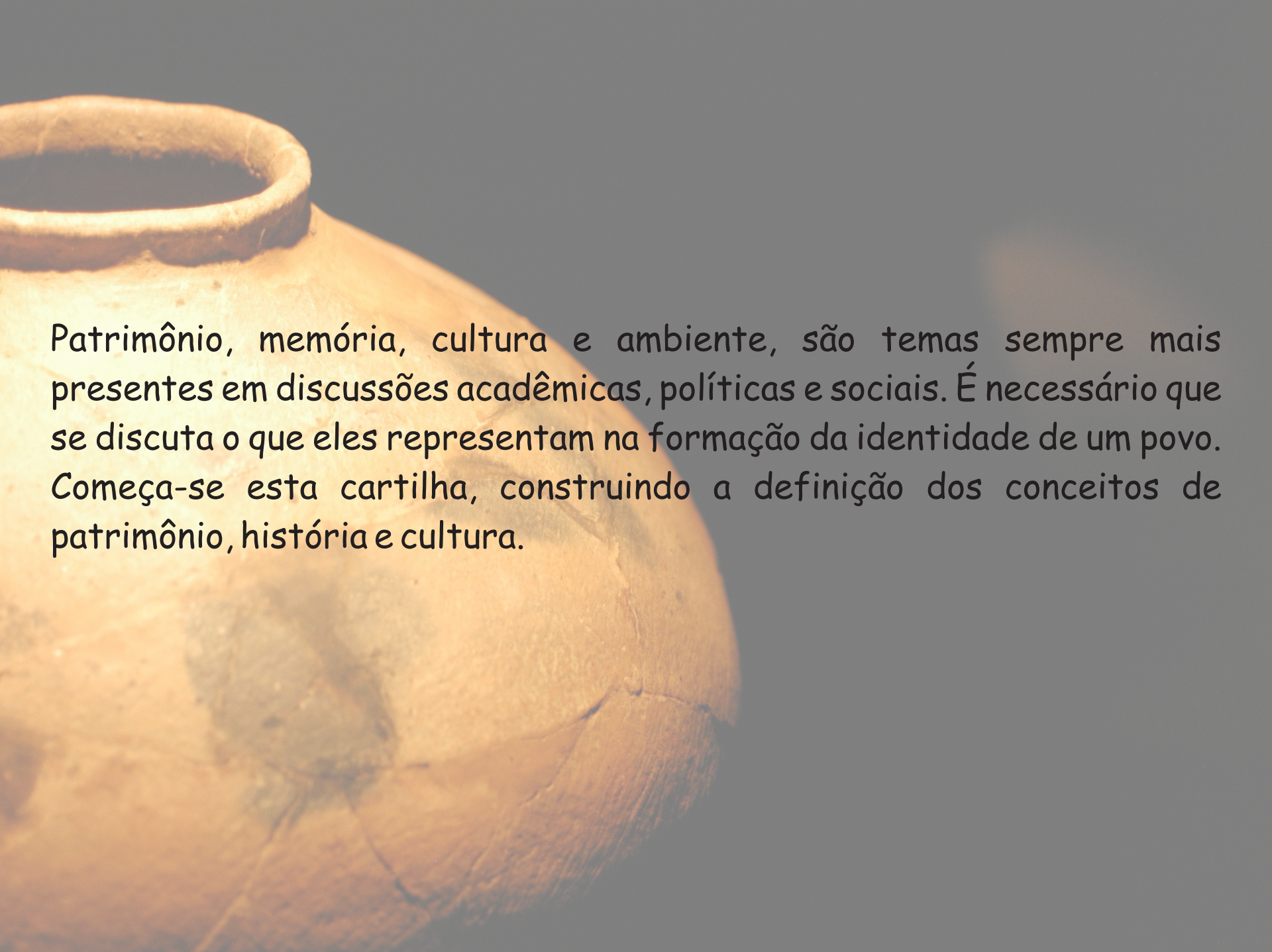
1. Piauí - Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Piauí - História. I. Sena, Vivian Karla de. II. Leite Neto, Waldimir Maia. III. Silva, Lucas Braga da. IV. Título. V. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 981.22

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca
SIBI/UNIVASF
Bibliotecário: Lucídio Lopes de Alencar

Introdução

O grupo PET - Arqueologia/UNIVASF contempla, nas suas estratégias de preservação patrimonial e arqueológica, o fortalecimento da memória e da história regional. Fomenta a busca por novas descobertas no âmbito da pesquisa científica regional para que os estudantes de graduação tenham uma formação profissional que atenda às demandas sociais da região Sudeste do Piauí e, especialmente, do município de São Raimundo Nonato que os abriga, com sua tradicional e peculiar hospitalidade sertaneja. No contexto das comemorações alusivas ao centenário de sua emancipação política, São Raimundo Nonato expressa a necessidade de uma releitura da sua história, enfatizando a versão de autores não contemplados pela historiografia oficial. Nos vestígios e artefatos arqueológicos, professores e estudantes querem contribuir, resgatando a voz e os feitos dos personagens que morreram sem contar o que sabiam sobre a epopéia dos fundadores. Tendo em vista que as pesquisas arqueológicas referentes à pré-história regional já se encontram consolidadas, o grupo PET - Arqueologia/UNIVASF propõe-se a executar, com a parceria da comunidade acadêmica e de toda a sociedade local, o projeto Escavando História: São Raimundo Nonato além dos cem anos. Quer-se contemplar uma lacuna científica no que diz respeito à Arqueologia Histórica na Região.



Patrimônio, memória, cultura e ambiente, são temas sempre mais presentes em discussões acadêmicas, políticas e sociais. É necessário que se discuta o que eles representam na formação da identidade de um povo. Começa-se esta cartilha, construindo a definição dos conceitos de patrimônio, história e cultura.

Que é patrimônio histórico cultural?

No sentido literal, patrimônio é tudo aquilo que se recebe por herança. A princípio, seria qualquer bem material que se herda dos pais ou de outros antepassados. Com o passar do tempo, outros significados foram agregados a esse termo. Atualmente, patrimônio representa, também, a história, o ambiente, a cultura material e a cultura imaterial. São patrimônios: artefatos arqueológicos, rios, serras, danças folclóricas, músicas regionais, festejos, lendas, mitos, histórias, casos, anedotas, etc.



Grupo Culturarte - PI



Bandolins de Oeiras - PI



Irmãos Aniceto - CE

Ciganas do Novo Zabelê - PI
Fotos: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM

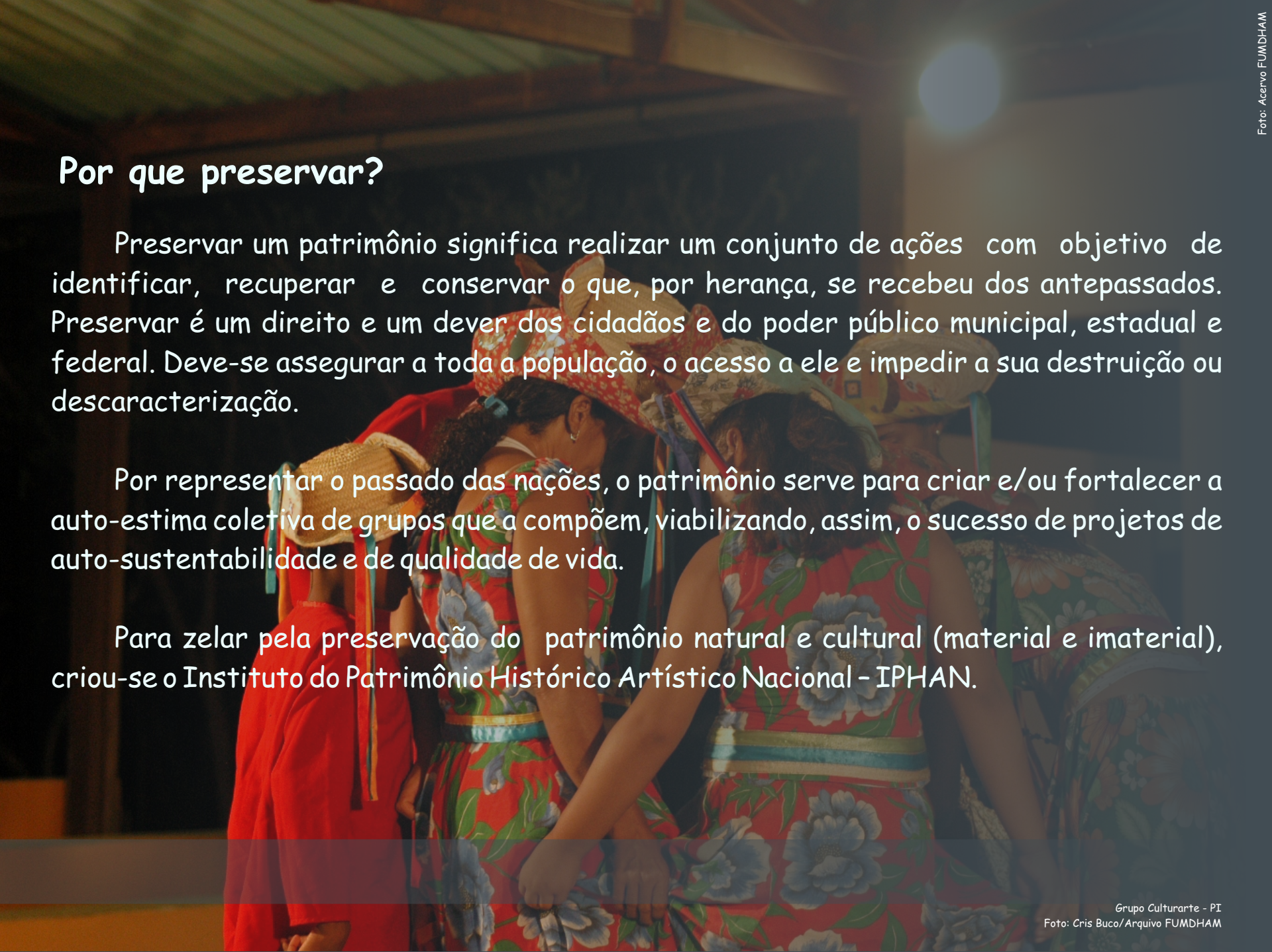


Foto: Acervo FUMDHAM

Por que preservar?

Preservar um patrimônio significa realizar um conjunto de ações com objetivo de identificar, recuperar e conservar o que, por herança, se recebeu dos antepassados. Preservar é um direito e um dever dos cidadãos e do poder público municipal, estadual e federal. Deve-se assegurar a toda a população, o acesso a ele e impedir a sua destruição ou descaracterização.

Por representar o passado das nações, o patrimônio serve para criar e/ou fortalecer a auto-estima coletiva de grupos que a compõem, viabilizando, assim, o sucesso de projetos de auto-sustentabilidade e de qualidade de vida.

Para zelar pela preservação do patrimônio natural e cultural (material e imaterial), criou-se o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN.

Grupo Culturarte - PI
Foto: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM

Arqueologia e Patrimônio

A Arqueologia contribui, decisivamente, na conservação e preservação do patrimônio cultural, identificando e estudando vestígios e artefatos que as gerações passadas deixaram nos sítios arqueológicos.

Sítios arqueológicos são lugares que os antepassados (históricos e/ou pré-históricos) ocuparam e deixaram vestígios de atividades realizadas no dia a dia ou em rituais. Neles encontram-se ferramentas, fragmentos de louça, de cerâmica ou de vidro, estruturas de fogueiras, etc. Todos os sítios arqueológicos (históricos e pré-históricos) são importantes para a pesquisa científica porque apresentam fragmentos representativos da identidade de um grupo social. É por isso que se apresentam, aqui, alguns sítios históricos da região Sudeste do Piauí, área de abrangência original do centenário município de São Raimundo Nonato.









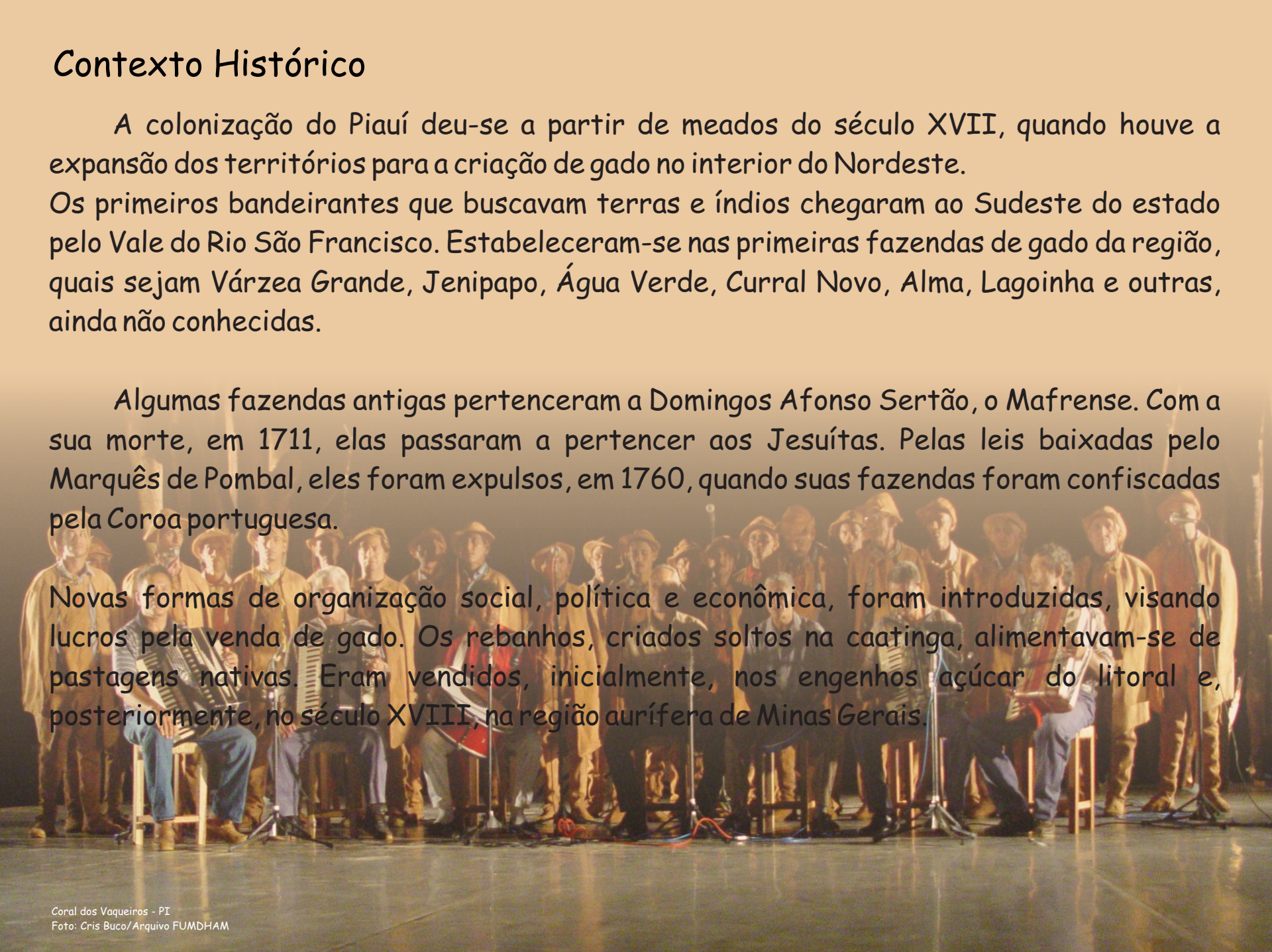
Fotos: Arquivo FUMDHAM

Contexto Histórico

A colonização do Piauí deu-se a partir de meados do século XVII, quando houve a expansão dos territórios para a criação de gado no interior do Nordeste.
Os primeiros bandeirantes que buscavam terras e índios chegaram ao Sudeste do estado pelo Vale do Rio São Francisco. Estabeleceram-se nas primeiras fazendas de gado da região, quais sejam Várzea Grande, Jenipapo, Água Verde, Curral Novo, Alma, Lagoinha e outras, ainda não conhecidas.

Algumas fazendas antigas pertenceram a Domingos Afonso Sertão, o Mafrense. Com a sua morte, em 1711, elas passaram a pertencer aos Jesuítas. Pelas leis baixadas pelo Marquês de Pombal, eles foram expulsos, em 1760, quando suas fazendas foram confiscadas pela Coroa portuguesa.

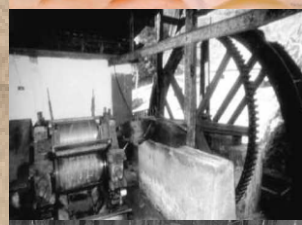
Novas formas de organização social, política e econômica, foram introduzidas, visando lucros pela venda de gado. Os rebanhos, criados soltos na caatinga, alimentavam-se de pastagens nativas. Eram vendidos, inicialmente, nos engenhos açúcar do litoral e, posteriormente, no século XVIII, na região aurífera de Minas Gerais.

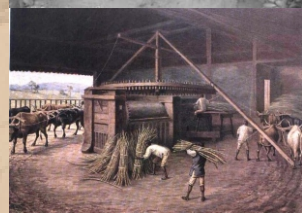


Coral dos Vaqueiros - PI
Foto: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM

Na segunda metade do século XVIII, começou a ocorrer o declínio nos preços do gado, em decorrência da competitividade com a atividade pecuarista que se iniciava em outros estados, como o Pará e Minas Gerais. Com os preços muito baixos para o gado, muitas fazendas entraram em declínio. Como alternativas para se sair da crise, começou-se a desenvolver outras atividades. Implantaram-se engenhocas de açúcar, intensificou-se a agricultura de subsistência, consorciada com a criação de animais de pequeno porte como ovelhas e cabras. Muitos sítios, de pequena extensão territorial começaram a se instalar junto aos brejos e leitos dos riachos intermitentes onde as terras, normalmente eram mais úmidas e férteis.







No final do século XIX, houve uma mudança radical no enfoque produtivo da região Sudeste do Piauí. Começou-se, a partir de então, a extrair látex da maniçoba (Manihot piauhyensis). Essa atividade passou a ser, economicamente, viável porque a procura pelo produto crescia nos mercados internacionais.

A maniçoba tinha, como uma de suas principais áreas de ocorrência, a região de São Raimundo Nonato, no Sudeste do Piauí. Essa espécie de maniçoba era uma das mais produtivas de látex.

Borracha - Portinari

A atividade maniçobeira concentrou-se em algumas fazendas que hoje fazem parte do território do Parque Nacional Serra da Capivara, tais como as fazendas Serra e Jurubeba.

A extração do látex era sazonal. Os maniçobeiros adentravam na caatinga e passavam dias acampados em moradias improvisadas em abrigos rochosos. A matéria-prima extraída era repassada para comerciantes que a vendiam na Bahia, de onde era exportada.



Da época dos manicobeiros, restaram diversas estruturas arquitetônicas, tais como fornos de farinha, casas de taipa e pisos que se preservam em sítios arqueológicos. Nesses e em outros sítios históricos, também se encontram engenhocas de madeira e de ferro, além de artefatos de uso cotidiano, como garrafas de vidro, fragmentos de louça, de porcelana, de cerâmica e de olaria. Esses artefatos conservaram-se nas sedes das fazendas de pequenos agricultores onde se produzia rapadura, mel, cachaça, etc. Tais remanescentes podem ser vistos em alguns sítios arqueológicos históricos, na Serra da Capivara e na trilha da Jurubeba.

O contato entre diferentes grupos (índios, bandeirantes, jesuítas e africanos) propiciou a sobrevivência de diversas manifestações culturais (materiais e imateriais) que se integraram e se manifestam em rituais tradicionais. São crenças, costumes, valores e saberes transmitidos pelas sucessivas gerações e que constituem a cultura sertaneja.







Fotos: ArquivoFUMDHAM

Trilha Histórica da Jurubeba

Transcrição das placas interpretativas da Trilha Histórica da Jurubeba.
Pesquisa e textos: Elaine Ignácio e Ana Stela de Negreiros Oliveira



No início do século XX, chegou a São Raimundo Nonato, acompanhado de sua família, o
Sr. Manoel Coelho. Neco Coelho, como era conhecido, foi escrivão da Fazenda Serra – sede de um dos mais importantes empreendimentos industriais da região Sudeste do Piauí, no período da Maniçoba.
Com recursos de seu trabalho, Neco Coelho adquiriu a fazenda onde, recentemente, se implantou a trilha da Jurubeba.

Na trilha da Jurubeba, pode-se ver uma das casas mais recentes da fazenda. O proprietário da casa não a ocupou porque migrou para Brasília. Durante muito tempo, ficou abandonada. Suas paredes ruíram e seu telhado caiu. Para conservar o que restou, promoveu-se uma limpeza na área. Fez-se contenção de restos de parede e restauro do fogão.

Hoje, podem-se ver os restos de uma casa cuja estrutura assemelha-se à de muitas outras do sertão semiárido do Nordeste, abandonadas pelos moradores ou proprietários que migraram para outras regiões do Brasil.
No local foram coletados fragmentos de cerâmica e de louça pintada.


Casa Velha da Jurubeba. Foto: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM

Casa do Avô do Sr. Nivaldo ou (Casa do Neco Coelho)

Dentre as casas que compõem os sítios da trilha Jurubeba a Casa do Neco Coelho é a mais representativa. Dela restaram ruínas da estrutura arquitetônica (piso e um pequeno forno industrial), pedaços de madeira e ferro de uma engenhoca de açúcar.
Estruturou-se um memorial onde podem ser vistos alguns materiais usados na rotina cotidiana de seus ocupantes. Há fragmentos de louça, porcelana, garrafa de vidro, objetos de cerâmica, talheres, chaves e moedas. Outros objetos encontrados na casa podem ser vistos na coleção de materiais arqueológicos expostos no Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato.

Ao nordeste da Casa do Neco Coelho havia uma pequena área chamada de Quinta da Lagoa. Nela eram cultivadas árvores frutíferas (bananeiras, mangueiras, laranjeiras, etc.).

Fotos dos artefatos: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM.
Foto ao fundo: Arquivo UNIVASF/PET Arqueologia





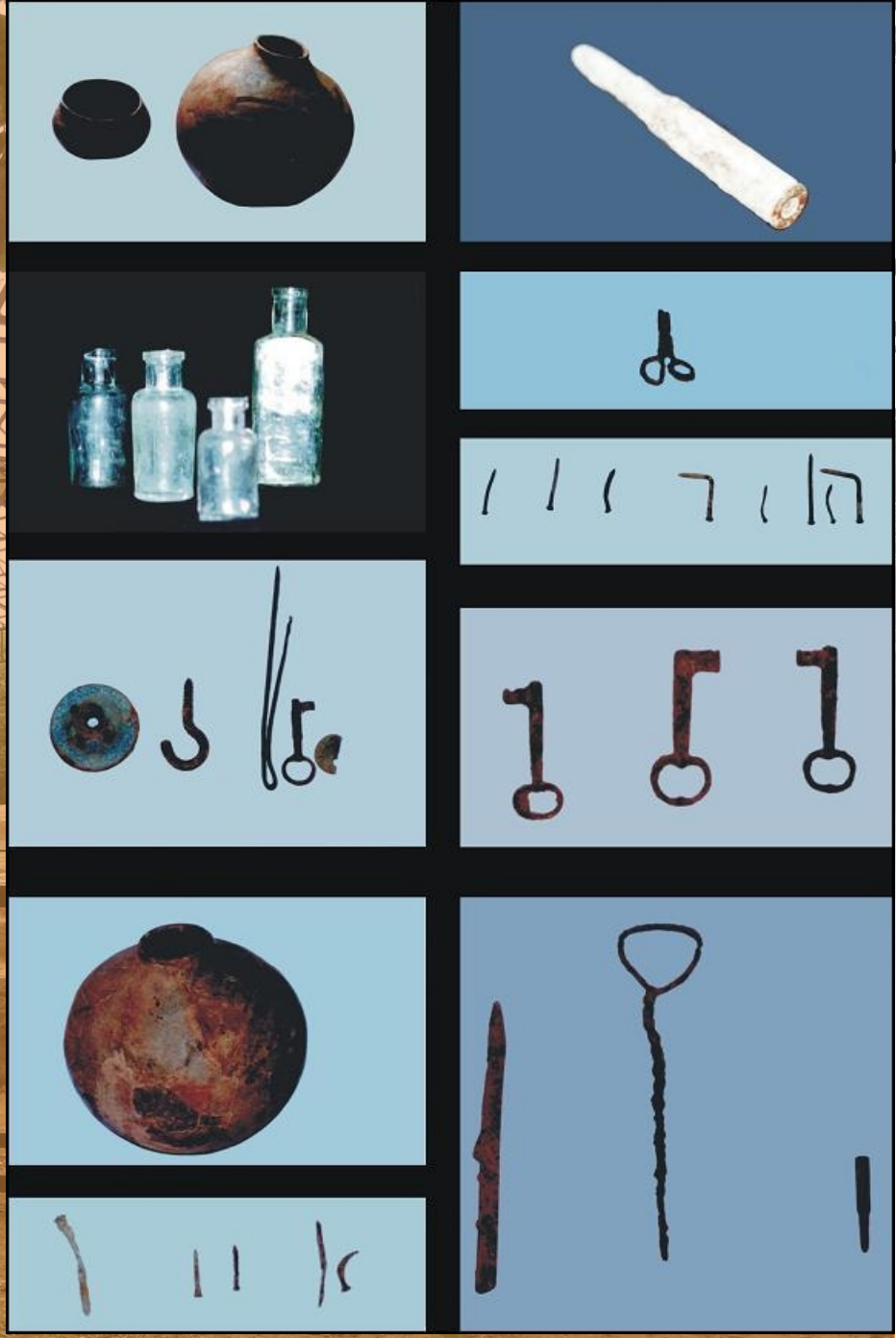




A casa do Senhor Neco Coelho, foi adquirida no início do século XX, quando a extração de maniçoba era a principal fonte de renda na região. Nela nasceram e foram criados os seus dez filhos: Francisca, Josina, Dina, Antônio, José, Maria do Carmo, Leopoldina, Carlindo, Álvaro e Emídio.

Neco Coelho era originário do município de Tacaratu – PE. Morou, por uns tempos, no Município de Sento Sé, na Bahia, antes de se mudar para a Fazenda Jurubeba. Nela desenvolvia atividades de cultivo de cana-de-açúcar para o fabrico de rapadura, além da extração de látex de maniçoba, empregando grande número de trabalhadores.

As rapaduras que produzia eram comercializadas em São Raimundo Nonato, juntamente com as frutas que colhia na Quinta da Lagoa.



Objetos encontrados na escavação da Casa do N. Coelho

Casa do Nilton Coelho

A Fazenda Jurubeba estava abandonada há doze anos quando, em 1957, Nilton Coelho Cavalcante, neto de Neco Coelho, e sua esposa Bibiana iniciaram a construção da sua casa que foi concluída somente em 1961. Nessa casa criaram dez filhos que, com o passar dos anos foram estudar em São Raimundo Nonato, quando Bibiana os acompanhou.



No mesmo quintal funcionava uma casa de farinha cuja produção era comercializada em São Raimundo Nonato.

Próximo à casa, existia um engenho de cana, movido a tração animal, que funcionou durante dois anos. Teve-se que parar a produção de rapadura devido ao ataque de abelhas (Appis melífera) africanizada. As ferramentas do engenho e a junta de bois eram alugadas. O proprietário recebia uma porcentagem pela venda da rapadura produzida.

Fotos: Arquivo FUMDHAM

Casa do Alexandre

A casa do Alexandre foi construída e utilizada como moradia de sua família e de outros maniçobeiros durante trinta anos, em meados do século XX. Ela tinha um abrigo rochoso como estrutura básica, complementado com algumas paredes de taipa.

Na casa do Alexandre, encontraram-se fragmentos de cerâmica e de louça, junto com um batedor de Caroá, comprovando que, além de maniçobeiro, Alexandre era artesão.

As pesquisas arqueológicas nesse sítio evidenciaram um contexto diferente do que se viu na Casa do Avô do Senhor Nivaldo. Elas revelaram estruturas de habitação de arquitetura vernácula (paredes de taipa com modificações na rocha, para fixação de suportes de madeira), com aproveitamento de um abrigo rochoso ocupado por grupos pré-históricos.

Durante as escavações, identificaram-se objetos de uso cotidiano que demonstram uma ocupação mais duradoura que a de um simples acampamento. No entorno do abrigo, havia um espólio material relacionado com atividades domésticas que corrobora esta proposição.







Fotos: Arquivo UNIVASF

Referências

BUCO, C.; IGNÁCIO, E.; OLIVEIRA, A. S. N. Trilhas Históricas: No Rastro da Maniçoba. In. Relatório anual do CNPq. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, 2002.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. BUCO, Cristiane Andrade. IGNÁCIO, Elaine. No Rastro da Maniçoba – Trilha Interpretativa da Fazenda da Jurubeba. Revista, FUMDHAMentos, São Raimundo Nonato, 2009.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. Catingueiro da Borracha: vida de maniçobeiro no sudeste do Piauí. (Dissertação) Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2001.

Projeto Estudos Arqueológicos no Sítio Caso do Alexandre. Coord. Neto e Sena, 2009-2012.

SALES, Felipe Silva. ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DO CONTEXTO MANIÇOBEIRO: aspectos do modo de vida nos artefatos de contexto doméstico do sítio Casa do Alexandre. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2011 (Trabalho de conclusão de curso).

Tutor
Celito Kestering

Colaboradores
Janaina Carla dos Santos
Leandro Surya Carvalho de Oliveira Silva
Mauro Alexandre Farias Fontes
Nívia Paula Dias de Assis
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto
Gisele Daltrini Felice

Apoio Administrativo
Angélica Maria de Vasconcelos Azevedo
José Hermes Carvalho Paes
Lívia de Oliveira e Lucas
Paulo Oliveira Silva
Sandro Ribeiro de Castro

Membros externos
Alix Pereira Galvão – REEEPI
Ana Stela de Negreiros Oliveira – IPHAN
Déborah Gonsalves Silva – UESPI
Niède Guidon – FUMDHAM

Bolsistas
Claudio Marcio Barbosa de Siqueira
Ianthe Santos Silva
Ingrid Lopes de Oliveira
Jéssica Rafaella de Oliveira
José Nicodemos Chagas Júnior
Leonardo Tomé de Souza
Lucas Braga da Silva
Rodrigo Bernardo da Silva
Silvyo Bruno Guerra Correia
Taiguara Francisco Alexo da Rocha Silva
Tâmara Grazielle Cavalcante Moraes
Marcelo Alves Ribeiro

Voluntários
Amanda Nunes Cavalcante
Jaime de Santana Oliveira

Agradecimentos
MEC
CAPES
UNIVASF

Organizadores
Celito Kestering
Vivian Karla de Sena
Waldimir Maia Leite Neto
Lucas Braga da Silva

Ministério da Educação
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA
CAPES
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL
PET
ARQUEOLOGIA
UNIVASF
UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
FUMDHAM

Fotos capa: Cris Buco/Arquivo FUMDHAM